

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LUAN FLÁVIO DE OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: UMA PROPOSTA PARA O PROCESSO
EDUCACIONAL**

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA
LUAN FLÁVIO DE OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: UMA PROPOSTA PARA O PROCESSO
EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à disciplina de Pesquisa Filosófica – Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Licenciatura em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior, como exigência para obtenção de título de Licenciado em Filosofia

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA
LUAN FLÁVIO DE OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: UMA PROPOSTA PARA O PROCESSO
EDUCACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso defendido
e aprovado no dia 08 de dezembro de
2022 pelo orientador

Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizzioli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

184
O48m

Oliveira, Luan Flávio de

O Mito da Caverna de Platão: uma proposta para o processo educacional / Luan Flávio de Oliveira. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

54 f.

Orientador: Marco Antonio Chabbouh Junior.

TCC (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Platão. 2. Mito. 3. Alma. I. Chabbouh Junior, Marco Antonio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Filosofia. III. Título.

CDD - 22. ed. 184

Dedico este trabalho ao meu Pai, Bráulino (in memoriam), minha Mãe, Ilza e minha irmã, Izabela. A eles, que foram meus companheiros de “caverna”, minha eterna gratidão por tudo que vivemos juntos, diante das sombras desta vida e por me ajudarem a encontrar, ainda que as apalpadelas, o caminho da luz.

AGRADECIMENTOS

Com muito custo, aprendi que não basta amar o resultado, é preciso amar o processo! Por isso, imensamente agradecido, elenco aqueles que ao longo do itinerário, contribuíram com o meu longo projeto de retomar os estudos e licenciar a filosofia que havia cursado há mais de uma década. Diz meu orientador, que existem coisas na vida, que quando as descobrimos, temos a sensação de que foram descobertas tarde demais. Não sei bem se isso é verdade, o fato é que no que diz, respeito a ele (orientador), sinto que seja bem verdade. Quando o encontrei, já estava prestes a desembarcar da jornada que é a graduação. Por isso, gratidão, ao Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior, pela brilhante e tão platônica orientação. Sob sua condução pude melhor entender, a razão e a estrutura de um trabalho de conclusão de curso e suas implicações na formação acadêmica. Sob sua palavra forte: “vai dar tudo certo”, me encorajei a fazer significativas alterações no projeto ao longo do semestre, o que desembocou em uma estrutura de trabalho totalmente nova e arrojada. Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, da qual, me considero um filho, afinal, ela me gesta desde o ano de 2006. Inúmeros foram os professores que conheci ao longo do caminho e em muito, contribuíram para o meu processo. Em especial, ao Prof. Dr. Pe. Edvaldo Araújo, meu orientador na graduação em Teologia que em encorajou a voltar a estudar filosofia e que para isso me abriu caminho. Graduações, extensões, semanas acadêmicas dentre outras atividades, ritmaram meu crescimento humano e intelectual. Agradeço meus colegas de graduação, incontáveis e inesquecíveis, dentre eles, João Gabriel, Guilherme Menezes e Maycon Esprecio pela animada convivência e pelas oportunidades de colaboração. Aprendi com eles que ninguém cresce e nem aprende sozinho.

*Assim como as flores murchas e
a juventude
Dão lugar à velhice, assim floresce
Cada período de vida, e a sabedoria e a virtude,
Cada um a seu tempo, pois não podem
Durar eternamente. O coração,
A cada chamado da vida deve estar
Pronto para a partida e um novo início,
Para corajosamente e sem tristeza,
Entregar-se a outros, novos compromissos.*

*Em todo o começo reside um encanto
Que nos protege e ajuda a viver.*

*Os espaços, um a um, devíamos
Com jovialidade percorrer,
Sem nos deixar prender a nenhum deles
Qual uma pátria;
O Espírito Universal não quer atar-nos
Nem nos quer encerrar, mas sim
Elevar-nos degrau por degrau, nos ampliando o ser.*

*Se nos sentimos bem aclimatados
Num círculo de vida e habituados,
Nos ameaça o sono; e só quem de contínuo
Está pronto a partir e a viajar,
Se furtará à paralisação do costumeiro.*

*Mesmo a hora da morte talvez nos envie
Novos espaços recenados
O apelo da vida que nos chama não tem fim...
Vamos, coração, despede-te e haure saúde!*

Hermann Hesse, *O Jogo das Contas de Vidro*, Brasiliense, São Paulo, 1972. p. 363-364.

RESUMO

No centro do presente trabalhado de conclusão de curso, encontra-se o Mito da Caverna de Platão, com a perspectiva de analisá-lo dentro do espírito platônico, ou seja, considerá-lo como figura do itinerário que a alma humana faz em direção ao conhecimento, o de se desprender das realidades visíveis para alcançar o mais sublime e verdadeiro conhecimento, o filosófico. Ao atualizar os principais elementos do Mito, abre-se um horizonte para perceber a relevância dele para a prática educacional, de modo específico, na relação de ensino e aprendizagem. Para alcançar tal propósito, o trabalho perpassa temas da filosofia platônica tais como, a imortalidade da alma, a teoria das formas, o aprendizado enquanto reminiscência, a busca da alma filosófica, as realidades sensíveis e o projeto de formação do rei-filósofo para governar o estado ideal. Com essa abordagem evidencia-se a atualidade e a relevância do Mito da Caverna com as possibilidades que ele oferece, para melhor conceber, planejar e desenvolver o processo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: mito, reminiscência, aprendizado, alma e conhecimento.

ABSTRACT

At the core of this course completion paper is Plato's Allegory of the Cave, with the perspective of analyzing it within the Platonic spirit, that is, considering it as a figure in the itinerary that the human soul makes towards the knowledge, detaching oneself from visible realities to reach the most sublime and true knowledge, which is the philosophical one. By updating the Allegory's main elements, a horizon is opened in order to perceive its relevance for educational practice, specifically in the relationship between teaching and learning. To achieve this purpose, this paper permeates themes of Platonic philosophy, such as the immortality of the soul, the theory of forms, learning as reminiscence, the search for the philosophical soul, sensible realities and the project of training the philosopher-king to rule the ideal state. With this approach, the actuality and relevance of the Allegory of the Cave is highlighted, together with the possibilities it offers to better conceive, plan and develop the educational process.

KEYWORDS: myth, reminiscence, learning, soul and knowledge.

SUMÁRIO

Introdução	09
1º Capítulo	14
1.1 Platão e a sua filosofia	14
1.2 O Mênon e a busca pela essência da virtude	15
1.3 A Questão das figuras	17
1.4 A imortalidade da alma	19
1.5 O diálogo com o escravo	20
2º Capítulo	24
2.1 Fédon: Sócrates diante da morte	24
2.2 A libertação da alma	25
2.3 O argumento cíclico	26
2.4 A reminiscência	28
3º Capítulo	32
3.1 Alma filosófica e sua busca	32
3.2 Imagem do navio	33
3.3 Imagem da semente	33
3.4 O sol e as linhas	34
3.5 O Mito da Caverna	36
4º Capítulo	40
4.1 O valor da educação e o risco de sua ausência	40
4.2 A luz do Mito da caverna para uma proposta educacional	42
4.2.1 Capacidade humana para o aprendizado	43
4.2.3 Colaboração para o aprendizado	44
4.2.4 Aprendizado em processo	46
Conclusão	48
Bibliografia	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia, nasceu do encanto com a mesma e sua relevância para o processo formativo, de modo específico, o educacional. Tamanho o alcance do encanto filosófico que fez o autor da pesquisa rememorar, no cabedal filosófico o que há de mais genuíno e fundamental na história do pensamento, a Filosofia Grega, uma das primeiras desbravadoras do espírito e do intelecto humano. No “panteão” dos pensadores, encontra-se o apelidado Platão (Arístocles) de aproximadamente 428/427 a. C, quem, em sua insaciável busca por uma forma de governo ideal, encontrou Sócrates, do qual tornou-se discípulo. Ao longo de sua vida investigativa e reflexiva, desenvolveu em forma de diálogo um sistêmico pensamento, tão vasto e rico, capaz de conservar sua singularidade e beleza no decurso dos séculos e no desenvolvimento da filosofia e inclusive, na elaboração dos resultados da pesquisa aqui desenvolvida.

A força e a influência de uma relação, com Sócrates, abriram para o Platão um horizonte diante das inúmeras e irrenunciáveis questões da existência, que foram impulso para próprias buscas de sua vida. Seu contexto, é sem dúvida, um marco: situa-se precisamente no período de transição entre a oralidade e a escrita. Diante disso, não se furta de encarar os desafios do pensamento e, por meio de densos diálogos, propõe reflexões e horizontes extraordinários. Sabe conservar a riqueza e o poder do Mito ao bem situá-lo na composição dos diálogos e com isso demonstra sua inquestionável capacidade intelectual. Seu apelido, por conta da extensão de sua fronte (em grego, *platos*) pode muito bem expressar, além da amplitude física, sua amplitude espiritual e cognitiva. Foi um homem de visão, inclusive, fundou uma Academia (388 a.C) na companhia de seus discípulos, na qual ensinava-se as disciplinas de matemática, astronomia, medicina e retórica.

De sua vasta obra escrita, aproximadamente trinta e seis trabalhos, há um denso e valioso diálogo, A República. Há composição do diálogo encontra-se Sócrates, Gláucon, Polemarco, Trasímaco, Adimanto e Céfalo que indagam e refletem a respeito da justiça, sua natureza e finalidade, para a vida do homem na Polis. O estonteante diálogo se desenrola em dez livros, ao contemplar, ao longo do percurso dialógico temas importantes tais como a justiça, a ideia de bem, a alma humana, o estado ideal e

seu adequado governante, a preparação dos cidadãos para a vida na Polis e a imortalidade da alma.

Na origem e meta deste trabalho, encontra-se o “Livro VII”, no qual, logo na introdução, Sócrates apresenta uma alegoria para refletir a respeito do efeito da educação e sua falta na natureza humana. Neste ponto do diálogo, o pensador apresenta o belo e rico “Mito da Caverna”, que ao longo dos séculos, tornou-se uma espécie de “vitrine” ou “cartão de visitas” do pensador e ofereceu e oferece, não apenas no âmbito filosófico, uma gama de reflexões e horizontes. Nesta tese de Conclusão de Curso em Licenciatura em Filosofia, o interesse e o recorte se dá com o crivo filosófico e educativo. Dentro do desenvolvimento do diálogo, a Alegoria é apresentada para colaborar com a compreensão do efeito e da ausência da educação na alma humana. O que está em jogo *A República*, é um projeto de formação, considerando as características de cada alma em vista da cidade ideal, no propósito de nela viver e a reger.

A famosa e emblemática Alegoria, apresenta seres humanos que habitam desde a infância uma caverna. Encontram-se presos, com grilhões que impedem que movam as cabeças e por isso, olham de modo fixo para uma das paredes da caverna, na qual, enxergam sombras produzidas pela luz que vem de uma longa entrada. Além disso, há uma fogueira e um muro baixo, no qual manipuladores exibem marionetes cujas sombras refletem na parede da caverna. Com esse cenário do Mito, um dos acorrentados se solta e, ao ver a luz, caminha em direção a entrada da caverna e contempla a luz do sol, a descobrir que aquelas imagens projetadas na parede da caverna eram apenas sombra de realidades iluminadas com a luz do sol e da fogueira. Uma vez contemplada a luz, ele não conseguiria viver mais na caverna, sentiria pena dos que lá estão e encontraria um meio de libertá-los.

No desdobramento da apresentação da Alegoria da Caverna, Sócrates aponta para o fato de que a alma tem a capacidade do aprendizado, tal como um olho é capaz da luz. Do mesmo modo, que o olho precisa da luz para enxergar, a alma precisa de um direcionamento, ou seja, de uma conversão para poder ter acesso ao conhecimento, torna assim, a educação possível. Com a elucidação do “Mito da Caverna”, pretende o trabalho de conclusão de curso, promover uma atualização de elementos que são inerentes ao processo formativo tais como a capacidade humana do aprendizado, a

necessidade de alguém que direcione a pessoa e a perspectiva do aprendizado que se dá em processo.

Com esses apontamentos, o trabalho de Conclusão de Curso, postula a relevância da luz lançada por Platão sobre a educação e se propõe ao longo de quatro capítulos apresentar elementos na obra do autor que corroboram com a tese apresentada. Para alcançar o objetivo, o texto será construído a partir da análise dos textos coletados ao longo do processo. Do autor principal, Platão, foram selecionados três textos: *Fédon*, *Mênon* e *A República*. Realizados dos fichamentos e resumos dos textos, eles foram colocados em diálogo diversos especialistas nas temáticas sob a orientação do Professor designado para acompanhar, orientar e avaliar o processo e o resultado da pesquisa.

No primeiro capítulo, será trabalhado o *Mênon*, provavelmente produzido no período mediano da vida de Platão. O diálogo, inicialmente, não visa elucidar um conceito, mas sim responder a uma questão particular formulada por Mênon como primeira frase do diálogo: “Podes dizer-me, Sócrates, se é possível ensinar a virtude? E ele prossegue: “Ou não é ensinável, e sim resultado da prática, ou nem uma coisa nem outra, o ser humano a possuindo por natureza ou de alguma forma?”¹. Dentro da proposta da pesquisa, no *Mênon*, o destaque é para um diálogo, que acontece dentro do desenvolvido do diálogo entre Mênon, Sócrates e Ânito. Ao investigar o que é virtude e ela pode ser ensinada ou não, Sócrates toma um menino escravo que está próximo a eles e com ele estabelece um diálogo a respeito de uma questão matemática. O interessante é que o menino, por ser escravo, não havia recebido instrução a respeito do tema e por meio da direção de Sócrates avança na solução da questão.

Para a pesquisa, dois são os destaques: o nexos com o Fédon, desenvolvido no capítulo primeiro, no qual, Sócrates aponta para a necessidade de formular as perguntas certas, uma vez, que o conhecimento e a capacidade são na própria alma e o outro, a presença do próprio Sócrates, que impulsiona e orienta o processo do menino. Sócrates mostra a abertura e o desejo que tem a alma humana para o conhecimento o quanto ela pode ser desenvolvida se for orientada para aquisição dele.

O segundo capítulo, sobre a obra *Fédon*, ou também por “Da Alma”, datada por volta do ano de 387 a.C, situa-se entre os mais belos e tocantes diálogos, pois relata as últimas horas de Sócrates e sua morte pela cicuta. Fédon é o narrador, pois esteve com

¹ PLATÃO. *Mênon*. Eudidemo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Ufpa, 2020, p 43

Sócrates em seus derradeiros momentos. No centro do diálogo, o tema da imortalidade da alma é desenvolvido e exposto de maneira clara e fluente com os seguintes aspectos: o argumento cíclico, o argumento da reminiscência, o argumento da afinidade, as objeções de Símiias e Cebes, causas, formas e o argumento final, narrativa mítica sobre a vida após a morte, e cena final: a morte de Sócrates.

Na pesquisa desenvolvida, a abordagem da obra considera o “argumento da reminiscência”, que oferece luzes para a compreensão do modo com o qual o conhecimento se dá, na própria estrutura da alma humana. A capacidade de conhecer e, conseqüentemente, de passar por um processo de aprendizado não está condicionada a fatores externos, sejam eles de ordem biológica, social, psicológica ou econômica, pelo contrário, superam toda e qualquer circunstância, pois nada mais do que constitutiva.

O terceiro capítulo, sobre *A República*, é depois de *As Leis* é o segundo mais longo dos diálogos. Apresenta vários temas, mas todos determinados pela questão inicial, fundamental e central: o que é a justiça. Nele, Platão propõe definitivamente aquilo que foi alvo de suas buscas, o modelo de um estado ideal. Como conclusão considera ideal aquele estado que é governando pelos sábios.

No “Livro VI”, com a temática da “alma filosófica”, encontra-se importantes imagens, a do navio e da semente e das linhas que colocam em evidência o valor da educação enquanto processo de condução da alma que caminha na direção da luz, que é o conhecimento. No “Livro VII”, encontra-se o “Mito” ou “Alegoria da Caverna” que originou essa pesquisa e com o qual ela chegará seu cume do itinerário do pensamento platônico. O mito reúne elementos que foram desenvolvidos ao longo do percurso e oferece elementos fundamentais para a compreensão e desenvolvimento da tarefa filosófica.

Dentro do argumento desenvolvido ao longo dos dois primeiros capítulos, o “Mito da Caverna” expressa tanto o argumento da reminiscência quanto o exemplo do diálogo de Sócrates com o menino escravo, e ao mesmo tempo, oferece luz para compreensão do processo educativo, que considera fundamental dois aspectos: o da capacidade humana ao aprendizado e na da necessidade de alguém que fomente e conduza o processo. Dois elementos que não se contradizem, muito pelo contrário, que se articulam e complementam em vista de algo maior, o amor ao conhecimento.

No quarto e último, a luz que o Mito da Caverna lança para a Paidéia, de modo específico, trazer-se-ão elementos do próprio Mito para articulá-los com o processo

educacional. Deste modo, a filosofia platônica faz resplandecer sua originalidade e atualidade, ao enriquecer ainda mais o modo de ler e interpretar o pensamento Platônico ele é fiel a seu próprio modo, sendo capaz de estabelecer diálogo com outras áreas do conhecimento. O desfecho do trabalho se dá com as considerações do próprio autor, retomando as primeiras intuições, as diretrizes do projeto, as contribuições do orientador em diálogo com as conclusões extraídas ao longo do itinerário.

1º CAPÍTULO

1.1 Platão e a sua filosofia

Arístocles é precisamente seu nome, tendo nascido na cidade de Atenas, em 428/427. Platão configura-se como apelido, devido a um porte físico amplo (*platos*). Tem na origem sangue real, sendo por parte de pai do parentesco com o Rei Codro e de mãe, com Sólon, dado que, em muito influenciou seu apreço pela vida política e consequentemente a intelectual.² Da busca pela influência de Sócrates, surgiu o desejo de se preparar para a política. O contato com a vida política se dá em 404/403 a. C, com a presença de parentes, Cármites e Crítias no governo oligárquico.

O encontro de Platão com Sócrates deu-se provavelmente Platão tinha aproximadamente vinte anos. É certo, porém, que Platão frequentou o círculo de Sócrates com o mesmo objetivo da maior parte dos outros jovens, ou seja, não para fazer filosofia a finalidade da própria vida, mas para melhor se preparar pela filosofia para a política. Entretanto, os acontecimentos orientaram a vida de Platão para outra direção (REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. 2003, p 132)

Devido constatação de utilização de meios facciosos e violentos, criou desapontamento que teve como auge a condenação de Sócrates, o que fez com que se afastasse da política. Após 399 a. C, passou por Mégara, na casa de Euclides na companhia de outros discípulos de Sócrates. Em 338 a.C., viaja para Itália, antes teria ido para Egito, e com desejo de conhecer comunidade dos Pitagóricos, além disso, teve a oportunidade de estender até Siracusa, na Sicília, por convite do tirano Dionísio I.³

Certamente, Platão tinha a expectativa de inculcar no tirano Dionísio o ideal do “rei filósofo”, cujos princípios estão na obra “Górgias”. Por dificuldades com o governante, caiu como escravo e foi levado para Egina, onde fora resgatado. No regresso para Atenas, funda a academia que teve como primeira produção o *Mênon*.

Após morte de Dionísio I, retorna para Sicília com a expectativa de sucesso com Dionísio II, porém, encontra fracasso semelhante ao primeiro. Ainda por uma terceira vez, retorna em 361 a. C, convencido por Díon, para completar a preparação filosófica de Dionísio II. Em 360, Platão retorna para Atenas, e permanece na direção da Academia até sua morte em 347 a. C.

² REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia pagã antiga**, v. 1. Trad. Ivo Storniolo – São Paulo: Paulus, 2003, 133.

³ *Ibidem*.

Por testemunho de Trasilo, tem-se a referência dos escritos platônicos que foram preservados, sendo os 36 diálogos subdivididos em nove tetralogias: (1) *Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon* (2) *Crátilo, Teeteto, Sofista e Político* (3) *Parmênides, Filebo, Banquete e Febro* (4) *Alcibíades I e II, Hiparco e Amantes* (5) *Teages, Cármides, Laques e Líssis* (6) *Eutidemo, Protágoras, Górgias e Mênon* (7) *Hípias menor e maior, Íon e Menexeno* (8) *Clitofon, República, Timeu e Crítias* (9) *Mino, Leis, Epinomis, e Cartas*.⁴

1.2 O Mênon e a busca pela essência da virtude

O presente capítulo visa elucidar dois elementos fundamentais no pensamento Platônico a partir da investigação da areté (virtude), a realidade das formas e a modo com o qual elas estão na alma humana, uma vez que, no pensamento platônico, no “saber-virtude para toda educação, tornava-se urgentemente necessária uma investigação especial do problema do que era o saber assim concebido”⁵. Sendo assim, toca-se numa questão fulcral do pensamento platônico, o que é o saber e como ele é construído e desenvolvido.

Com essa abordagem, reforça-se a premissa do trabalho de modo geral, que se detém a considerar o Mito da Caverna com o sentido dado pelo próprio autor, como metáfora do itinerário que a alma humana faz em direção ao conhecimento. Contudo, deve-se destacar que, para Platão, o ápice da experiência cognitiva, se dá com o itinerário em direção ao cabedal filosófico, como aponta Reale: “o mito foi sucessivamente visto como símbolo da metafísica platônica, da gnosiologia e da dialética platônica, e da ética e da ascensão mística segundo Platão”⁶. É comum em toda obra Platônica o apreço, a busca e o amor pela mais sublime forma de conhecimento, a filosofia.

Na obra Menôn, o diálogo se dá entre Sócrates, Mênon e Ânito. Como em boa parte de suas obras, o despertar para a reflexão se dá a partir de uma indagação e assim,

⁴ REALI, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia pagã antiga**, v. 1. Trad. Ivo Storniolo – São Paulo: Paulus, 2003, p 133.

⁵ JAEGER, Werner. **História da Pedagogia de Platão à atualidade**. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 703.

⁶ REALI, Giovanni. **História da filosofia grega e romana**, vol III: Platão. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perine. – 2ª Ed. – Sp: Loyola, 2014, p 291

“a primeira resposta ao problema do conhecimento se encontra no Mênon”⁷. Como expressão do encanto do filósofo diante da realidade ganha força a capacidade de fazer perguntas, de lançar sob um ou mais aspectos, uma luz de reflexão por meio de uma dúvida. Não resta dúvida de que, tal atitude investigativa é uma das características não apenas na obra Platônica, mas de toda a filosofia grega, que ao longo de séculos desenvolveu um precioso e atual cabedal filosófico.

No referido diálogo, a reflexão se origina com uma pergunta de Mênon para Sócrates, a respeito da possibilidade de a virtude ser ensinada, praticada ou se ela se dá naturalmente em uma pessoa, tomando como referência a “diferença que existe entre a virtude em si e as diversas modalidades concretas de virtude”⁸.

Saberás dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou, no caso de não o ser, se é adquirida pela prática? E não sendo alcançada nem pelo ensino nem pela prática, se se acha naturalmente no homem, e de que modo? (PLATÃO. *Mênon*, 2020, p 43)

Emblemática é a questão a respeito da virtude, uma vez que, abre pelo menos, dupla perspectiva: de um lado a filosófica, com a ânsia por saber o que de fato é virtude, a busca por aquilo que é constitutivo, que tem o poder de delimitar e definir e de melhor colocar a compreensão. Sendo assim, “a questão central do Mênon é a essência da areté e sua dimensão constitui a natureza da paidéia”⁹. De outro lado, com a questão de poder ser ensinada ou não, a pedagógica, que busca saber melhor as bases do processo de ensino e aprendizagem, das possibilidades humanas e didáticas do conhecimento.

No que tange a obra *Mênon*, a questão não é nova, mas perpassa outras obras platônicas, com a interrogação a respeito do que é a *areté* e por quais caminhos conhecê-la e adquiri-la. Com o desenvolvimento dos diálogos, cresce a consciência de que “as diferentes qualidades chamadas virtudes, como a valentia, a prudência, a piedade e a justiça são apenas parte de uma virtude total, e de que a essência da virtude é por si mesma um saber”¹⁰.

⁷ REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia pagã antiga**, v. 1. Trad. Ivo Storniolo – São Paulo: Paulus, 2003, p 153

⁸ Jaeger, Werner. **História da Pedagogia de Platão à atualidade**. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 705

⁹ BOLLIS, Silvana. A formação do homem virtuoso no Mênon de Platão. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 29, n, 2, p. 218 – 231, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7375>. Acesso em: 20/10/2022

¹⁰ Jaeger, Werner. **História da Pedagogia de Platão à atualidade**. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 702.

1.3 A questão das figuras

A questão fundamental da obra, expõe um elemento que perpassa a obra platônica: a tomada de elementos da realidade, que uma vez, colocado em exame, possibilitam chegar ao conhecimento da realidade além visível, ou melhor, ao suprassensível. No caso do *Mênon*, encontra-se no centro das atenções, um comportamento, que é um dado visível originado em uma realidade invisível, quer dizer, uma virtude. Três são os elementos básicos da questão a respeito da virtude, sua natureza, se é possível de ser adquirida ou ensinada que levam aquilo que é chamado de “paradoxo filosófico do aprender e do ensinar”¹¹.

Nos primeiros movimentos dos diálogos, Sócrates define, ser fundamental antes de responder a *Mênon*, investigar o que é a virtude, para saber, se a mesma pode ser ensinada. Sendo assim “Platão coloca aqui, deliberadamente, no centro da sua investigação o problema do saber e das suas origens”¹². Ao investigar a respeito da natureza da virtude, levanta-se a indagação de que a virtude pode conter uma estrutura única, um elemento que perpassa e caracteriza toda e qualquer virtude.

A mesma coisa se passa com as virtudes. Por mais numerosas e variadas que sejam, deve haver uma forma única para todas, que faz com que todas sejam virtude, e para a qual deve olhar quem quiser responder com acerto à pergunta sobre o que seja a virtude, ou não compreendes o que eu quero dizer? (PLATÃO. *Mênon*. 2020, 47)

Com a resposta, abre espaço para uma outra questão de crucial importante, as formas, sem deixar de lado a questão do “saber e virtude que ocupam posição fulcral, embora se articulem de modo diferente”¹³. O que está em jogo é o além da aparência. Eis um dado importante. Na compreensão Platônica, os elementos da realidade, apontam para uma outra realidade, na qual, as coisas realmente são, enquanto no mundo sensível, permanecem no âmbito da mera reprodução das ideias eternas e imutáveis. Para melhor investigar, a natureza da virtude, Sócrates utiliza o exemplo de uma figura, sólida e finita, e assim, conclui que, a virtude é caracterizada pelo desejo de coisas boas.

¹¹ BOLLIS, Silvana. **A formação do homem virtuoso no *Mênon* de Platão**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 218 – 231, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7375>. Acesso em 20/10/2022

¹² Jaeger, Werner. **História da Pedagogia de Platão à atualidade**. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 704

¹³ SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão**. A ontoepistemologia dos diálogos socráticos. Tomo I. São Paulo: Edições Loyola, 2012, 101.

Aqui aparece algo de muito valor no pensamento platônico, que é a atenção com os elementos da realidade. Nota-se na obra, que ao tomar como um elemento da realidade, Sócrates desenvolve por meio dos diálogos, um percurso para explorar característica do objeto em questão e a partir das conclusões chegar a melhor compreensão da realidade.

Que poderá, então, ser isso a que se dá o nome de figura? “Então, vou tentar explicar-te o que é figura. Vê se me aceitas o seguinte: figura, para nós, vem a ser de todas as coisas a única que sempre acompanha a cor. Basta-te essa definição ou queres outra? De minha parte, ficarei satisfeito se me falares da virtude por esse modo. (PLATÃO. *Mênnon*, 2020, p 55)

De modo direto e simples, Sócrates define figura, e indica o ponto de partida da investigação para alcançar a ideia de virtude, uma vez que o “próprio Platão afirmou que o diálogo de Sócrates com Mênnon não passa de um exercício para poder responder à pergunta sobre a essência da areté”¹⁴.

A primeira referência é a própria realidade, composta por um conjunto de figuras, todas diversas, com que estabelecem conexão entre si e possuem elementos comuns, tais como cor e forma de tal modo que “o problema da essência da virtude esclarece-se por meio de uma pergunta: o que é uma figura?”¹⁵. Interessante perceber que o caminho desenvolvido por Sócrates abre o horizonte para a reflexão, com perguntas e respostas que não encerram as questões.

Então, Sócrates, a meu parecer, a virtude consiste, como diz o poeta, com o que é belo alegrar-se e ser potente. O que denomino virtude é o desejo das coisas belas e capacidade de alcançá-las. És da opinião que quem deseja as coisas belas deseja as boas? Sem dúvida. (PLATÃO. *Mênnon*, 2020, p, 61)

Na definição de virtude, aponta para elementos que perpassam todo o conjunto das figuras e ao mesmo tempo vai além das mesmas, como acontece com o belo. Há uma importante relação estabelecida, com os elementos presentes nos objetos, presentes na realidade, que são por eles examinados e que, vão de encontro e se articulam com as noções de quem os analisa traz consigo.

Por que te havendo eu pedido agora mesmo que não me quebrasse nem desmembrasse a virtude, e te havendo dado modelos da maneira como devias

¹⁴ JAEGER, Werner. *História da Pedagogia de Platão à atualidade*. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 706

¹⁵ *Ibidem*

responder, desprezando tudo isso vens dizer-me que a virtude consiste em adquirir bens com justiça qualquer pessoa, ao mesmo tempo que afirmas ser a justiça uma parte da virtude (PLATÃO. **Mênon**. 2020, p 67)

Com o elemento do desejo das coisas boas, o diálogo apresenta uma outra temática, uma vez que, o desejo de certa forma encontra-se alojado no mais íntimo de uma pessoa, na sua própria alma. Desejo e capacidade se tocam, uma vez que, a questão é a essência da virtude e as possibilidades com as quais ela pode se aplicar na vida. Assim como o desejo, a capacidade encontra relevância na alma humana.

1.4 A imortalidade da alma

Ao considerar o desejo das coisas boas, Sócrates oferece o tema da alma imortal, que por já ter vivido outras vezes, aprendeu de tudo e por isso, saber desejar coisas boas. O homem, segundo o pensamento Platônico, é detentor de uma alma diferenciada, que dentre suas características, possui a da imortalidade. Sendo imortal, ela é capaz de guardar das experiências vividas, uma série de conhecimentos.

O que dizem é o seguinte. Considera agora se te parece que têm razão. Declaram que a alma do homem é imortal, e que, num dado momento, ela chega ao fim, que é o que se chama morrer, e noutra ocasião torna a existir, porém nunca perece. Por isso mesmo, importa a todos os homens levar uma vida tão santa quanto possível. (PLATÃO. **Mênon**, 2020, p, 73)

Sócrates explora o aspecto da imortalidade da alma, uma vez que o dado da alma é fundamental na constituição do ser do homem. É munido das capacidades dela que o homem desenvolve sua vida e realiza suas ações. Aproveita para melhor expor as consequências para a vida do homem. Uma delas é o modo como ele se relaciona com a realidade que o circunda e como estabelece critério e valor para fazer suas atividades. Sócrates oferece o dilema crucial do homem, que mesmo sendo mortal, vislumbra e buscar realidades que ultrapassem os limites impostos pela morte.

Ora, em razão de ser a alma imortal e ter renascido muitas vezes, já viu tudo que há, tanto aqui como no Hades, não havendo o que ela não tivesse aprendido. Assim, não é nada de admirar que tano sobre a virtude como sobretudo o mais ela possa recordar-se do que conhecera antes. (PLATÃO. **Mênon**. 2020, p, 73)

Sendo a alma, detentora das capacidades fundamentais para o homem conhecer e aprender, ela oferece a possibilidade de ele estabelecer relação com as realidades e nelas desenvolver seu conhecimento, técnica e virtude. Conforme age também aprende e acumula com as experiências que vive. As experiências não se perdem no espaço e no tempo, pelo contrário, o edificam e fazem com que melhor se desenvolva.

Com o dado de possuir uma alma imortal, de uma vida para outra, não há prejuízos e nem perdas, mas uma assimilação das experiências vividas. No caso de uma nova vida, à medida que se coloca em um determinado meio e com ele interage, ao passar por um processo de aprendizado, haverá oportunidade de não mais aprender, uma vez que já passou por outras vidas, mas sim, se recordará, ou seja, fará reminiscência. “preciso em que acabei de afirmar que não há ensino, mas apenas reminiscência, pergunta se te posso ensinar, só para que eu caia em contradição comigo mesmo”¹⁶

1.5 O diálogo com o escravo

Para melhor evidenciar e explorar a questão da capacidade que a alma humana contém de desejar e aprender a virtude, Sócrates aproveita a presença de um menino escravo que os circunda no momento do diálogo: “Tu aí: aproxima-te! É grego e fala grego? Corretamente, foi criado em casa. Presta atenção ao que te parece que vai acontecer: se ele vai recordar-se ou se aprenderá comigo”¹⁷.

Por meio de uma série de perguntas, Sócrates “recorre ao diálogo com um jovem escravo, que Mênon sabia não ter recebido qualquer instrução, para mostrar em que consiste a aprendizagem”¹⁸. Tal diálogo expõe temas importantes do diálogo, tal como o desejo por adquirir algo e a capacidade que a alma tem em adquirir. Mais precisamente, o diálogo gira em torno do modo com o qual se constrói um quadrado de dois lados.

Com o desenrolar do diálogo, o rapaz consegue alcançar as respostas corretas, com a ajuda de Sócrates que lança questão após questão, até chegar ao ponto que reconhecer não saber. Apelando para um desenho, Sócrates leva o rapaz a admitir que “o quadrado construído sobre a diagonal do original é o de área dupla”¹⁹. Sócrates

¹⁶ PLATÃO. **Mênon**. Eudidemo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Ufpa, 2020, p 75

¹⁷ Ibidem

¹⁸ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 47.

¹⁹ Ibid, p 48

conseguiu introduzir o escravo, que nunca havia recebido instrução, em uma atividade para adquirir o conhecimento e assim, reafirmou que “procurar e aprender não passa de recordar”²⁰

No desenrolar do diálogo, no *Mênon*, a constatação de que todo aprendizado, no fundo é reminiscência. Para isso, Sócrates, aproveita de um menino escravo e com ele estabelece um diálogo. Diante de ambos, há a figura de um quadrado e como objetivo um modo de fazer um quadrado duplo. Por meio de perguntas precisas, ele conduz o menino, que nunca foi ensinado, a demonstrar pelas respostas que, tem em si as noções, por meio de das matemáticas.

Não percebes, Mênon, como ele já está adiantado no caminho da reminiscência? No começo ele não sabia absolutamente qual fosse o lado de um quadrado de oito pés, o que, aliás, ainda ignora antes, porém, julgava saber, e respondia com segurança, sem imagina que havia alguma dificuldade. Agora, ele percebeu a dificuldade, e embora não saiba, também não presume que sabe. (PLATÃO. *Mênon*, 2020, p 75)

Ao desenvolver um diálogo com um escravo que nunca havia recebido instrução, Sócrates oferece a possibilidade de melhor entender a imortalidade da alma no que remete ao processo de ensino e aprendizagem. Com a presença e orientação de um mestre, o rapaz que nunca havia recebido alguma instrução, desenvolve seu raciocínio e chega à conclusão. Deste modo, “Sócrates explica- a Mênon, fazendo com que o escravo dele, um homem novo e sem nenhuma cultura, embora não desprovido de talento, descubra por si próprio, na presença do seu Senhor e mediante as perguntas apropriadas, a regra do quadrado da hipotenusa”²¹.

Essas noções permanecem no homem e no não homem. Tal constatação indica que, estão na alma e fazem com que o homem procure o que considera não saber. Com essa referência, Sócrates repropõe a investigação da virtude em si mesma. Sócrates insiste na indagação de que se pode ser ensinada é necessariamente um conhecimento ou não. Além disso, também considera o fato da razão estar para regular a alma.

A mesma coisa faremos com relação à virtude. Uma vez que não sabemos nem o que ela é nem quais são suas qualidades, examinemos, por hipótese, se ela pode ou não pode ser ensinada, e digamos: se a virtude for dos bens que se relacionam com a alma, poderá ou não poderá ser ensinada: Para começar,

²⁰ PLATÃO. *Mênon*. Eudidemo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Ufpa, 2020, p 75

²¹ JAEGER, Werner. *História da Pedagogia de Platão à atualidade*. Sp: WMF Martins Fontes, 2013, p 713.

perguntemos se, sendo ela de natureza diferente do conhecimento, ainda assim, será suscetível de ser ensinada, ou não? (PLATÃO. **Mênon**, 2020, p 93)

Surge no diálogo *Ânito* com o qual Sócrates verifica o exemplo de professores de virtudes. Sua investigação leva à conclusão de que é impossível haver professores de virtudes. Se não há, como os homens, se tornam bons? Menôn pergunta como formam as pessoas de bem? Sabe-se que, não são dados pela natureza, mas pelo conhecimento ou opinião verdadeira.

A opinião verdadeira. Realmente, as opiniões verdadeiras enquanto permanecem são belas e fadoras de grande bem. Porém não se resignam a ficar paradas muito tempo e não voltarem a ser amarradas pelo conhecimento de causa. E isso, justamente Mênon, é a reminiscência, conforme admitimos em nosso discurso anterior. Uma vez amarradas, em primeiro lugar, tornam-se conhecimento, e em segundo ficam estáveis. Essa a razão de ser mais valioso o conhecimento do que a opinião verdadeira, diferenciando-se justamente da opinião verdadeira o conhecimento por estar acorrentado” (PLATÃO. **Mênon**, 2020, p 123)

Com o desenvolvimento do diálogo, Sócrates mostra para Mênon que no caso de um questionamento bem realizado, os resultados podem ser satisfatórios, uma vez que: “permite àquele que ignora chegar a saber, por si, aquilo mesmo que ignorava, mas tinha esquecido, em si mesmo”²². Além disso, o resultado do diálogo, quase que consagrado com o encontro de Sócrates com o escravo, abre horizonte para um melhor aprofundamento em noções decisivas, tais como “conhecimento, aprendizagem e reminiscência”²³.

Na conclusão deste capítulo primeiro, destaca-se a genial contribuição do filósofo Platão, pela vasta composição em forma de diálogo, que estabelece uma leitura acerca da realidade. Dos aspectos desenvolvidos, evidencia-se a partir da busca pela essência da virtude, a existência de uma realidade para além da experiência sensível que comporta as ideias que forjam e sustentam o mundo composto por figuras.

Dentre tantas realidades, encontra-se a alma, um elemento que circulam entre os dois mundos e estabelecem relação com ambos. Por fim, no diálogo com o escravo, oferece base para compreender o movimento da alma, sua capacidade de adquirir conhecimento e o modo com o qual ela aprende. Por meio de perguntas exatas, Sócrates

²² SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 49.

²³ *Ibidem*.

conduz o rapaz à solução de uma questão, fazendo uso de conhecimento matemático e chega à conclusão de que, o aprendizado nada mais é do que reminiscência.

2º CAPÍTULO

2.1 Fédon: Sócrates diante da morte

Sócrates, após julgamento, fora condenado à morte e encontra-se próximo do momento no qual será executado. No centro das acusações, sua vida e filosofia, que a muitos instigou e incomodou. Prestes a morrer, tem a oportunidade de desenvolver um diálogo em torno da morte e de suas facetas. Tal diálogo é apresentado por Platão na obra denominada *Fédon*, que serve aos interesses de muitos para saber das últimas elucubrações do filósofo antes de morrer e ao sistema platônico assume “postura estratégica, à medida que enuncia preliminarmente no corpus o que sua fortuna crítica denominará ulteriormente de Teoria das Formas”²⁴.

É emblemática a circunstância na qual se dá o diálogo, uma vez que a morte e seus desdobramentos são temas constantes para os filósofos. As questões filosóficas nada mais são do que questões da própria existência, que emergem não apenas do campo de observação do pensador, mas da sua própria vida, como fora no caso de Sócrates, que diante de tal situação expressa:

De um lado, o que é dito em segredo sobre tais assuntos, que os seres humanos estão numa espécie de prisão da qual o indivíduo não consegue se soltar e tampouco evadir-se, parece-me algo grandioso e difícil de ser discernindo profundamente” (PLATÃO, *Fédon*, 2022, p 40)

A imagem da prisão é expressiva por demais, uma vez que consegue expressar a humana condição, que diante de um mundo repleto de realidades e mistérios, percebe-se limitada diante da matéria, presa com as realidades terrenas e sedenta por encontrar a verdade para além das aparências. A sede pela verdade o moveu ao longo de toda sua vida e fez de cada momento, oportunidade para lançar questões a respeito da realidade, na inesgotável busca pela verdade. No diálogo em questão, atenção está voltada para a

²⁴ RACHID, R. J. R. Reminiscência e alma remêmora no Fédon de Platão. **Transformação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 327, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/nbMY8CvbK8VsdvJrypYRXxf/> Acesso em 05/11/2022.

“concepção de alma, colidindo com seus aspectos mítico e racional, vinculada à sua capacidade cognitiva, proveniente da função epistêmica da memória e da reminiscência, impreenchíveis à aquisição das ideias”²⁵.

2.2 A libertação da alma

A eminente morte do filósofo traz à baila questões que perpassam todo o seu itinerário dialógico. A percepção de ter um corpo e estar situado em uma determinada realidade acarreta certos obstáculos para a alma, prisioneira no corpo, que anseia por contemplar a plena verdade, uma vez que, corpo com seus sentidos e necessidades, oferece obstáculos para a liberdade da alma que busca a plena verdade. Tal situação o leva a uma “apologia socrática da morte e evidencia uma aspiração filosófica à relação convival com o divino e com imortal”²⁶.

Saibas que há provavelmente como que uma vereda que nos afasta, nós e nossa razão, da investigação: na medida em que mantemos o corpo e nossa alma é contaminada pelos males corporais não iremos jamais adquirir adequadamente o que desejamos, isto é, a verdade. Pois o corpo ocupa nossa atenção de incontáveis formas por causa dos alimentos de que precisa (PLATÃO, **Fédon**, 2022, p 47)

Surge a morte, como uma espécie de libertação, por propiciar a separação entre corpo e alma, fazendo com que, uma vez desprendida das realidades terrenas ela possa voltar-se com plenitude na direção das verdades eternas e imutáveis, para alcançar a plenitude. Ganha força aqui o argumento da “alma filosófica” que “recusando o corpo, agrar-se a si mesma, compreendendo, pelo raciocínio e não pela sensação, os entes em si, como apreensão do verdadeiro”²⁷.

Quisermos conhecer algo de modo puro, precisamos livrarmo-nos do corpo e ver as coisas por elas mesmas com a alma por ela mesma. E nesse momento, como parece, nós teremos o que desejamos e do qual afirmamos ser amantes,

²⁵ RACHID, R. J. R. Reminiscência e alma remêmora no Fédon de Platão. **Transformação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 329, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/nbMY8CvbK8VsdvJrypYRXxf/> Acesso em 05/11/2022.

²⁶ Ibidem.

²⁷ RACHID, R. J. R. Reminiscência e alma remêmora no Fédon de Platão. **Transformação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 333, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/nbMY8CvbK8VsdvJrypYRXxf/> Acesso em 05/11/2022.

o saber: quando estivermos mortos, como o argumento indica, e não enquanto estamos vivos” (PLATÃO, **Fédon**, 2022, p 47)

Sócrates reconhece e assume o limite que há entre o desejo pela verdade e a possibilidade de conhecê-la enquanto encontra-se neste mundo. Contudo, os limites impostos pelo cárcere corpóreo não abafam o desejo pelo conhecimento, muito pelo contrário, o amplificam para aqueles que possuem uma “alma filosófica” e não vivem enrocados nos condicionamentos da realidade que nada mais faz do que gerar servidão e conflitos: “todas as guerras surgem por causa da posse dos bens, mas é o corpo que nos compele a obter os bens, escravos que somos de tudo que envolve seus cuidados. É graças ao corpo que, por todas estas razões, não dedicamos tempo à filosofia”²⁸.

2.3 O argumento cíclico

Uma vez definido o estado de imortalidade da alma, abre-se horizonte para perceber que a “filosofia por causa da anuência da alma imortal, como um saber propriamente anamnésio, desvelando as ideias sempiternas, relativo à concepção de que o aprendizado é anamnese”²⁹. Surge a oportunidade de desenvolver o “argumento cíclico”, a partir de uma indagação de Cebes, a respeito da existência da alma após a morte. Com isso, neste aspecto, coloca-se de modo diferente em relação ao *Mênon*, a questão da reminiscência³⁰. A questão não é nova, muito pelo contrário, já havia sido postulada em outras correntes. Dentro do contexto da iminente morte de Sócrates, a questão ganha um novo enfoque.

Vamos considerá-lo então por este viés: se é o caso que as almas dos homens que morreram existem no Hades ou se não é o caso. Pois bem, há uma doutrina antiga, da qual nos recordamos, que diz que elas estão lá por terem chegado aqui, além disso, que voltam para cá novamente e nascem dos mortos. Agora, se isso se dá dessa forma – que os vivos são os que vêm a ser novamente dos que morreram – não é certo que nossas almas existem lá: Pois, suponho, elas dificilmente poderiam vir a ser se não existissem. E assim, seria uma evidência suficiente de que isso é verdade se realmente se tornasse claro que os vivos vêm a ser dos mortos e de nenhum outro lugar.

²⁸ PLATÃO. **Fédon**. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p 47.

²⁹ RACHID, R. J. R. Reminiscência e alma remêmora no Fédon de Platão. **Transformação**: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 332, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/nbMY8CvbK8VsdvJrypYRXxf/> Acesso em 05/11/2022.

³⁰ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 54.

Mas se tal não ocorre, algum outro argumento será necessário. (PLATÃO Fédon, 2022, p. 53)

Ao dar sequência ao estilo de argumentação, fazendo uso de exemplos, Sócrates passa a averiguar os opostos e as relações que possuem entre si. Tal análise é fundamental para estabelecer a compreensão circular: “Por exemplo, quando algo se torna maior, supondo que necessariamente vem a ser de seu oposto e de nenhum outro lugar. Por exemplo, quando algo se torna maior, supondo que necessariamente o é por ter sido e depois tornar-se maior?”³¹ Após verificar, as relações entre os opostos, Sócrates apresenta um outro aspecto importante na reflexão da relação dos opostos, o de dois processos, um circular e outro linear:

De outro lado, o que diremos do que se segue. Há também algo desta espécie nos opostos: dois processos de vir a ser, entre os opostos, tomados como pares – sendo dois em casa caso -, do primeiro ao segundo e, conversamente, do segundo ao primeiro? Entre algo maior e, de acordo com isso, nós chamamos de um “aumentar” e outro de “diminuir. (PLATÃO. Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges, p 55)

Sócrates, faz uso da expressão do “vir a ser” que é fundamental para compreender a relação processual entre os opostos. Para isso, aplica a noção a outros exemplos, tais como, “separar-se e juntar-se, esfriar-se e aquecer-se”³². Como de costume, no uso dos exemplos para desenvolver argumentos, Sócrates chega ao ponto decisivo da questão: “Pois bem, há um oposto ao estar vivo, como dormir é oposto ao estar consciente?”³³ Com isso, estabelece que o oposto é um vir a ser do outro, o que de fato, caracteriza geração entre eles, como bem aplica no seguinte exemplo: “Chamo a um estar acordado e ao outro estar dormindo. Do estar dormindo vem a ser o estar acordado e deste vem a ser o estar dormindo. E os processos de geração destes dois são, de um lado, adormecer e, de outro, despertar”³⁴ Após desenvolver um raciocínio e construir o argumento, Sócrates, ainda a fazer uso de indagações, aplica o argumento em dois opostos: morrer e viver.

Pois bem, agora tu me falar, ele disse, sobre vida e morte no mesmo sentido. Não dizes que estar morto é o oposto de viver? Digo. E que ambos veem a

³¹ PLATÃO. Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p 54.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

³⁴ PLATÃO. Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, 55.

ser um do outro? Sim. E o que é que veem a ser um do outro? O que está morto, disse. E o que, disse, vem a ser do que está morto? É necessário, disse, estar de acordo que é o que está vivo. Assim, Cebes, não é o caso que, dos que estão mortos, vêm a ser tanto as coisas vivas quantos os seres humanos? Parece que sim, disse. Então nossas almas existem no Hades? É provável. PLATÃO Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges, 56)

Para aprimorar o raciocínio e evitar a ideia de que a natureza fique manca, com a relação entre os opostos, Sócrates oferece um oposto ao “morrer”, ou seja, “voltar à vida”³⁵ e assim, reafirma a ideia de que as almas existem em algum lugar, do qual, vão nascer novamente. Para cancelar o argumento, Sócrates, cogita a possibilidade não de um movimento circular dos opostos, mas linear e chega à conclusão de que não havia alteração na conclusão: “assim, não estamos enganados em concordar sobre tais temas, mas estes pontos realmente o caso: voltar à vida, pessoas vindas a ser dos mortos e as almas dos mortos existindo”³⁶.

2.4 A reminiscência

Com a ideia da imortalidade da alma, ou seja, que elas continuem a existir em outro lugar após a morte de uma pessoa e com a relação circular entre os opostos, Sócrates encaminha o diálogo para a compreensão de que, se as almas retornam, com elas retornam também o aprendizado que adquiriram em outras vidas. Deve-se destacar que há diferença no modo com o qual desenvolve a reflexão, em relação ao *Mênon*, uma vez que “Sócrates recorre ao argumento como suporte da tese da imortalidade da alma e não a partir dela”³⁷

Além disso, Sócrates, Cebes retomou, de acordo com aquele argumento, se verdadeiro, que tu costumava frequentemente relatar, tanto é o caso que nosso aprendizado ocorre ser nada mais do que reminiscência, quanto, dado argumento, é necessário, penso, que tenhamos aprendido em algum tempo anterior as coisas que nós rememoramos agora. Mas isso seria impossível se nossa alma não existiu em algum lugar antes de vir a ser nesta forma humana. Assim também, por essa via a alma parece uma coisa imortal (PLATÃO Fédon. 2022, p 58)

³⁵ Ibidem, p. 56

³⁶ PLATÃO. Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p 58.

³⁷ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 54.

Com essa conclusão, chega-se a um ponto importante, o de que o conhecimento vem da reminiscência. Neste ponto do diálogo, Símiias sugere: “quais as provas disto?”³⁸. Com tal solicitação, abre o caminho para o exame da questão desenvolvida por Sócrates, para mostrar que, quando questionadas corretamente, as pessoas podem conter as respostas ou estarem aptas a encontrá-las. Sua abordagem leva a compreensão da “constatação de que o conhecimento do igual inteligível é despertado pela experiência sensível dos iguais”³⁹. Sendo assim, Sócrates propõe um exemplo:

Sabes bem que os amantes, se veem uma lira, um manto ou outro objeto que os amados costumam usar, experienciam isto: reconhecem a lira e obtêm no pensamento a imagem do amado a quem a lira pertence. E isso é reminiscência. É similar à situação, em que alguém, vendo Símiias, muitas vezes rememora Cebes – e haverá, supondo incontáveis outros casos desse tipo (PLATÃO Fédon. 2022, 59)

Ao tomar o exemplo, Sócrates aponta para a reminiscência, seja das coisas semelhantes ou dessemelhantes e faz perceber o ponto do qual se tem o saber, que vai além das sensações, mas que remete a ideia de igual ou diferente. Segundo Santos, “a grande tese de Platão apenas implícita no diálogo – é a que sem os inteligíveis o mundo sensível não passaria de uma confusa charada”⁴⁰. Para a experiência do conhecimento, o contato com a ideia é fundamental, uma vez que a partir dela, será possível iluminar a realidade e perceber o mundo sensível.

Então, de acordo com todos esses exemplos, não resulta que a reminiscência se dá tanto sobre coisas semelhantes quanto sobre coisas dessemelhantes? Resulta. Mas ao menos quando alguém recordar-se de algo a partir de coisas que são semelhantes, não é necessário que a pessoa tenha em acréscimo esta experiência: refletir se a este objeto falta ou não algo em sua semelhança à coisa recordada? Necessariamente, disse (PLATÃO, Fédon, 2022, p 60)

Com o debate a respeito da semelhança e dessemelhança das coisas, fica claro que não há duas coisas semelhantes perfeitas. Essa conclusão se origina com a noção do que seja algo que possua semelhança perfeita. E tal noção só pode estar alojada no mundo das ideias, que só pode ser captada pela alma além do mundo sensível, ou seja, que esteja livre do cárcere do corpo e conseqüentemente dos entraves terrenos. Portanto,

³⁸ PLATÃO. Fédon. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p 58.

³⁹ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 55.

⁴⁰ Ibid, p 56.

“a posse dos inteligíveis, por imperfeita que seja, devido ao esquecimento sofrido pela alma num corpo, é requerida para interpretar a experiência sensível”⁴¹.

Assim, concordamos que toda vez que, ao ver algo, alguém pensar: isto que agora vejo almeja ser como outro ser – um dos que existem – mas é insuficiente e não consegue ser como aquele, sendo na verdade inferior, é necessário, presumo, que a pessoa que pensa isto tenha concebido previamente a coisa sobre a qual diz que a outra busca se assemelhar, mas, lhe é suficiente? Necessariamente (PLATÃO, **Fédon**, 2022, p 62)

Por possuir a noção de semelhança perfeita, que é adquirida antes do nascimento, um indivíduo, ao ter contato com uma determinada realidade do mundo sensível, poderá perceber que possui a noção de perfeição e se dará conta de reconhecer as imperfeições presentes naquela realidade e concluir que para além daquelas imperfeições há em um mundo inteligível, uma realidade perfeita. Esse movimento contribui para a caracterização da reminiscência enquanto aprendizado, que nada mais é do que capacidade de recordar aquela realidade já conhecida antes da encarnação do corpo.

De outro lado, penso, se o obtivermos antes do nascimento e o perdemos enquanto nascíamos, mas depois, usando nossos sentidos sobre tais coisas, recuperamos os conhecimentos que num momento anterior possuíamos, o que chamamos aprender não seria recuperar nosso próprio conhecimento? E não nos expressaríamos com acerto chamando isso de reminiscência? Com certeza (PLATÃO, **Fédon**, 2022, p 64).

Evidencia-se a capacidade que traz de recordar aquilo que fora adquirido antes do nascimento, o conhecimento e que em experiências de novas vidas pode ser recuperado mediante o uso dos sentidos, orientados por meio do aprendizado.

Sim, porque isso pareceu possível: quando se percebe algo – seja vendo, ouvindo ou tendo qualquer outra sensação disso – pode-se pensar a partir daí em outro item distinto que tenha sido esquecido, algo com o qual o primeiro buscava uma aproximação, sendo-lhe dessemelhante ou semelhante. E assim, tal como eu dizia, uma destas duas alternativas é caso: ou nascemos conhecendo aquelas coisas e possuímos este saber por toda vida, ou aqueles que dizemos estarem aprendendo nada mais fazem do que recordarem-se após nascerem e a aprendizagem é então reminiscência (PLATÃO, **Fédon**, 2022, p 64)

⁴¹ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 56.

Na noção de aprendizado enquanto reminiscência, basta que a pessoa seja colocada de modo correto na direção das coisas e instigada a observar as características dos objetos e a rememorar as noções que foram aprendidas antes do nascimento, por estarem contidas na sua alma que é imortal.

No segundo capítulo, que tem como pano de fundo, a eminente execução de Sócrates e a apreciação que ele faz a respeito da morte e suas facetas, retoma-se a noção de alma imortal, que entra num movimento cíclico de retorno para à vida, e de aproveitamento do conhecimento de vidas passadas. Nesta perspectiva, ganha atenção, o conceito de reminiscência que leva à compreensão de que, na verdade, não há propriamente o aprendizado, mas que o mesmo se dá enquanto reminiscência, ou seja, na capacidade de rememorar o conhecimento de vidas passadas.

3º CAPÍTULO

3.1 Alma filosófica e sua busca

Na continuidade do diálogo, com o “Livro VI”, na busca das coisas que restam para estabelecer a diferença entre a vida justa e a injusta, infere-se a questão de quais grupos tem condição de conduzir o Estado. Entre eles, os que possuem “naturezas filosóficas sempre amam a espécie de conhecimento que para eles torna claro algum traço do ser que sempre é e não perambula entre o vir a ser e a dissolução do ser”⁴².

Em vista disso, cabe compreender e aprofundar a natureza dos filósofos, que se distinguem por amarem uma espécie de conhecimento, mas de uma forma de conhecer que remeta ao ser.⁴³ Importante destacar que não é um interesse pelo vir a ser, nem pela dissolução do ser, mas, pelo ser tal como ele é. Essa característica gera uma contraposição com os homens que amam honras e com inclinações eróticas, demonstrando a impossibilidade de um filósofo amar a falsidade, deixando de lado os prazeres do corpo e, voltando-se para os da alma, contrária a todo tipo de servilismo ou vileza.

Se houver algum traço de servilismo ou vileza, não deverás passar esse fato por alto, pois a pequenez é completamente incompatível com uma alma que

⁴² PLATÃO. **A República**. Trad. Ciro Mioranza. 2ª edição. São Paulo: Escala, 2007, p 252.

⁴³ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, 867.

se mantém empenhada na busca de tudo que é íntegro e sadio, tanto nas coisas divinas quanto nas humanas (Platão, **A República**, p 254).

Estabelece-se assim, um tipo alma, a denominada filosófica. Ao considerar as características das demais, chega-se à conclusão de que ela é a mais adequada para a função de governo do Estado, por não ser covarde, nem vil e nem esquecedora. Segundo a compreensão de Platão, a “alma quando fita o mundo que brilha claramente com a luz da verdade e do Ser, conhecer e pensa e está dotada de razão”⁴⁴. É esse tipo de alma, aberta e desejosa pelo conhecimento da verdade do ser das coisas que está apta a ser preparada para governar o estado ideal.

3. 2 Imagem do Navio

A constatação da “alma filosófica” e sua vocação para as tarefas de governo, escapam de esquemas e por isso, apresenta-se como algo novo. Fazendo uso do recurso de imagens, Sócrates aprofunda a questão. Com a imagem de um navio, que durante a navegação passa por intempéries. O apuro coloca em conflito o velho e experiente comandante com os tripulantes que, julgam saber melhor o modo de conduzir. A adversidade os coloca em disputa para tomar o posto de comando, causando assim, dificuldades. Tal imagem ilustra o risco que corre a cidade caso o rei-filósofo não seja reconhecido.

Imagina, então, que algo como o se segue acontece com um navio ou em muitos navios. O piloto é maior e mais forte do que todos os demais a bordo, mas tem problema de audição, é um pouco míope e seu conhecimento de navegação está no mesmo nível de sua audição e sua visão. Os marinheiros disputam entre si a pilotagem do navio, cada um deles se julgando que deveria ser o capitão, ainda que, jamais tenha aprendido náutica, não possa indicar seu mestre ou a época em que aprendeu (PLATÃO, **A República**, 2014, p 257)

Com tal imagem, evidencia-se, figura dos filósofos, que não são objetos de honra no Estado, uma vez que os melhores espíritos entre os filósofos são considerados inúteis para a maioria, pois há oposição entre os estilos de vida: dos filósofos e dos cidadãos. Contudo, reafirma-se que o “político deve ter um conhecimento pericial e

⁴⁴ Ibid, p 879.

exato do fim supremo de toda conduta humana”⁴⁵. Sendo assim, retoma-se a constatação a respeito da natureza do filósofo, em vista da função política. Ele é aquele amante do conhecimento verdadeiro que permanece distante do envolvimento com as coisas que estão âmbito da opinião, ou seja, que são superficiais e efêmeras.

3.3 Imagem da semente

Consideradas as diferenças na alma daquele que é amante do conhecimento e daquele que não é em função de verificar as melhores qualidades para governar o Estado ideal, constata-se por meio de apurado exame as formas de corrupção das almas que imitam a natureza filosófica. Essa atenção deriva do fato de “Platão conceber o filósofo como um homem de grande memória, de percepção rápida e sedento de saber”⁴⁶. Para dar melhor atenção ao aspecto da alma filosófica e os riscos que ela corre, oferece a imagem da semente.

Ora, acho que a natureza filosófica tal como a definimos se desenvolverá necessariamente no sentido de atingir toda a virtude se receber a educação apropriada; mas se for semeada, plantada e crescer num ambiente inadequado, seu desenvolvimento será completamente oposto, a não ser que algum deus venha em seu socorro. (PLATÃO, **A República**, 2014, p 261)

Fazendo uso da imagem de uma semente, argumenta que, mesmo sem uma boa semente, caso fique privada de alimento, clima e ambiente, brotará de modo deficiente, levando assim, ao entendimento de que apesar de almas boas, se recebem má educação, tornam se excepcionalmente más. Com isso, define-se a necessidade de a natureza filosófica receber boa educação, uma vez que Platão acredita na força da “obra de uma educação ideal e da maturidade dos anos”⁴⁷.

Com isso, surge a questão a respeito da mais adequada forma de ensino levando em conta o modo de outros educadores. Por exemplo, os sofistas que, não oferecem nada além daquilo que consideram como sabedoria. Deixam de lado, o fato que de quem é capaz de buscar o belo em si terminará por contrapor-se à multiplicidade das coisas

⁴⁵ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, p 874.

⁴⁶ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, 856.

⁴⁷ *Ibid*, p 856.

particulares, como no caso da multidão, incapaz de filosofar. Em contrapartida, a natureza filosófica é caracterizada pela facilidade no aprendizado, na boa memória e na magnanimidade. Sendo assim, é “necessária uma educação minuciosa e peculiar para levar os melhores à condição de verdadeiros filósofos”⁴⁸.

Contudo, essa natureza capaz de governar a si mesmo, numa conjugação entre natureza do corpo com alma, caso seja mal-educada, não suportará as exigências da prática do governo e assim sucumbirá por afastamento do modo filosófico de viver. Por isso, “a formação pessoal, a que de momento se reduz a Paidéia filosófica, ganha o seu sentido social mais alto, ao ser referida ao Estado ideal, cujo caminho prepara”⁴⁹. A perspectiva da “Paidéia filosófica” dá na atenção e cuidado com a alma que deve reconhecer a importância da virtude, além da fundamental necessidade da busca e aprendizado da Ideia do Bem enquanto contemplação e posse do conhecimento e não enquanto experiência sensível e prazerosa.

3.4 O Sol e as linhas

Segundo a compreensão Platônica, a “alma do Homem é semelhante ao olhar”⁵⁰. Ao tomar como exemplo a visão, reconhece um terceiro elemento, além do objeto e do olho, a luz, responsável por ligar o sentido da visão à faculdade de ver, numa espécie de função vinculante, tomando como exemplo o Sol, com sua luz com a qual produz o rebento de bem. Com tal analogia, aplica a compreensão na alma que, ao fixar em um elemento iluminado pela verdade do ser passar a saber e compreender. Ao contrário, quando na obscuridade, vê mesclado aquilo que vem a ser e deixa de ser. Sendo assim, é a ideia de bem que concede verdade às coisas conhecidas.

Com a imagem do Sol e das linhas, reafirma-se um aspecto fundamental no pensamento Platônico, a Teoria das Formas, que consiste no exercício de “compreender a natureza do mundo inteligível a partir da comparação com um exemplo visível bem conhecido”⁵¹. Resplandece assim, contrariando o que muito imaginam, a importância da realidade sensível para a filosofia Platônica, uma vez que, “a experiência do visível –

⁴⁸ LAZARINI, A. L. **Platão e a educação**: um estudo do livro VII de “A República”. ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 38, 2008. DOI: 10.20396/etd.v8i2.671. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/671>. Acesso em: 10/11/2022.

⁴⁹ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, p 870.

⁵⁰ *Ibid*, p 879.

⁵¹ SANTOS, José Trindade. **Platão: A construção do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2012, 66.

comum a todos os humanos -, vai permitir a exploração e interpretação do inteligível”⁵². Com a imagem da linha, Platão estende a reflexão.

Representa-as mediante uma linha d'vídua em duas sessões desiguais. Divide, então, cada seção (a do visível e a do inteligível) na mesma proporção da linha. Contanto agora com termos de nitidez e obscuridade relativas, terá uma subseção do visível consistente de imagens. Por imagens entendo, em primeiro lugar sombras, em seguida reflexos na água em todas as superfícies de textura densa, lisa e reluzente (PLATÃO, **A república**, 2013, p 285)

Com tal imagem, definem-se duas entidades, sendo uma soberana e inteligível e outra visível com a uma subseção denominada de imagem, entendida como sombra, na qual, a semelhança está para aquilo que constitui semelhança como o opinável está para o cognoscível. Estes dois entes nada mais são do que “dois mundos, seja os do visível e do inteligível”⁵³. Cada um dos mundos é dividido em dois: com o mundo das cópias e dos originais. A compreensão dos mundos colabora para a forma na qual se dá o conhecimento e como ele pode ser adquirido.

Assim: numa subseção, a alma, utilizando como imagens as coisas que foram imitadas antes, é constringida a investigar a partir de hipóteses, procedendo não rumo a um primeiro princípio, mas rumo a uma conclusão. Na outra subseção, contudo, ela abre caminho para um primeiro princípio que não é uma hipótese, procedendo de uma hipótese, mas sem as imagens usadas na subseção anterior, utilizando as próprias Formas (Ideias) e realizando sua investigação através delas (PLATÃO, **A república**, 2013, p 286)

Seguindo a divisão, agora faz com aquilo que denomina de inteligível: a alma, utilizando as imagens, é impelida a investigar a partir das hipóteses rumo a uma conclusão. Em outra subseção, abre caminho para um primeiro princípio que não é uma hipótese, procedendo de outra, mas utilizando as próprias formas e realizando investigação através delas. Sendo assim, as afirmações do pensamento não se dirigem a elas, mas às coisas às quais se assemelham.

São, portanto, imagens em busca de uma visão das realidades que só podem ser vistas pelo intelecto, considerando que hipóteses, enquanto pontos de apoio, por assim dizer, trampolins para o primeiro princípio que uma vez alcançado, resulta numa conclusão sem fazer uso em absoluto de qualquer coisa visível, mas somente das próprias formas, movendo-se de ideias para ideia e terminando em ideias.

⁵² Ibidem.

⁵³ SANTOS, José Trindade. **Platão: A construção do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2012, p 66.

Com essa compreensão, estabelece-se um “dinamismo a um esquema que, em si, se limita a ordenar os seres e as operações cognitivas requeridas para sua captação”⁵⁴. Com essa interpretação, alcança-se a compreensão de quatro disposições na alma, correspondendo às quatro subseções: entendimento para mais elevada, intelecção para a segunda, crença para a terceira e imaginação para a última. O desenvolvimento da Teoria das Formas, bem situa e explica o “espetáculo proporcionado pelo cotidiano da vida na caverna”⁵⁵.

3.5 O Mito da Caverna

No propósito de encontrar o caminho para formar o governante do Estado Ideal, Sócrates concede uma espécie de estrutura de formação e para melhor reafirmar seu valor, “compara o efeito da educação e da sua ausência nossa natureza”⁵⁶. Sócrates oferece uma imagem, na qual, um grupo de homens, acorrentados desde sempre numa caverna, vivem apenas com a visão das sombras produzidas pelas luzes de uma fogueira e um terreno com um muro baixo, como anteparo diante de manipuladores de marionetes. No mesmo muro, há pessoas em movimento e fazendo barulhos, com os artefatos que carregam. Diante de estranha imagem, supõe-se que, os homens presos, veem algo de si, dos outros e das sombras, nas paredes da caverna.

Imagina seres humanos habitando uma espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga como a própria caverna. Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças. Imagina também a luz de uma fogueira acesa a certa distância, acima e atrás deles. Também atrás deles, porém num terreno mais elevado, há uma vereda que se estende entre eles e a fogueira. Imagina que foi construído ao longo dessa vereda um muro baixo, como o anteparo diante de manipulações de marionetes acima do qual eles os exigem. PLATÃO. **A República**. 2007, p 289).

Para aqueles cativos, a realidade nada mais é do que a sombra dos objetos, uma vez que “por não terem a possibilidade de captar os originais inteligíveis, conversam sobre as sombras projetadas, como se de realidades se tratassem”⁵⁷. Por isso, a libertação das correntes significaria a cura da ignorância. Ao supor que um deles, ao

⁵⁴ Ibid, p 69.

⁵⁵ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 76.

⁵⁶ PLATÃO. **A República**. Trad. Ciro Mioranza. 2ª edição. São Paulo: Escala, 2007, p 289.

⁵⁷ SANTOS, José Trindade. **Platão**: A construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012, p 76.

conseguir a liberdade, não se sentiram atraído pelas sombras e sons e se colocaria a procurá-las até encontrar e, quando se deparasse com uma realidade nunca contemplada, a luz do Sol, sentiria certas dificuldades em se acostumar com a nova visão. Diante da descoberta, se sentira feliz, em ter encontrado a fonte de tudo e dos seus companheiros sentiria pena, pois afinal, se decidisse voltar ao seu posto, ficariam seus olhos repletos de escuridão. O visível fica igualado à morada e a luz da fogueira ao poder do Sol.

O movimento de subida nada mais é do que a busca e o exame das coisas, como ascensão ao inteligível. Segundo Santos: “É sobre esses dois planos que a analogia incide, conduzindo à reflexão sobre as duas experiências cognitivas distintas e opostas, mostrando que o espetáculo da visão dos originais começa por ser doloroso”⁵⁸. A partir da imagem, Sócrates estabelece como educação, diferente do que muitos postulam enquanto inserir conhecimento em almas, mas em inserir visão em olhos cegos.

Deste modo, o poder do aprendizado em cada alma carece de um instrumento de aprendizado, como uma espécie de olho, que depende do giro do corpo inteiro para captar a luz, exigindo assim, uma conversão da alma na busca do bem. Sendo assim, trata-se a educação de um redirecionar a visão adequadamente, ou no caso de alguém que desde a infância fosse libertada dos grilhões da gulodice, da avidez e de outros prazeres similares. Deve-se ter atenção para que seja respeitada “a natureza inteligível do saber, em particular, o seu fim último: a forma do bom”⁵⁹.

Considera, então, de que caráter seria a libertação dessas correntes e a cura dessa ignorância se algo assim acontecesse: quando um deles fosse libertado e subitamente obrigado a se levantar, virar a cabeça e - erguendo o olhar - fitar a luz, experimentaria dor devido à ofuscação da vista e ficaria incapacitado para ver as coisas cujas sombras vira antes (PLATÃO. **A República**, 2007, p 283).

Com essa reflexão, Sócrates e seus companheiros de diálogo concluem que, as tarefas fundacionais, por eles desenvolvidas, consistem em compelir as melhores naturezas e alcançar o conhecimento, ou seja, empreender a ascensão e ter a visão do bem. Diante da resolução, emerge a questão a respeito da possibilidade de uma vez atingida meta, não seja o caso, de permitir que regressem, para auxiliar os que permanecem nas sombras: “e o que aconteceria quando ele se lembrasse de sua primeira morada, de seus companheiros prisioneiros e daquilo que ali passava por sabedoria?

⁵⁸ Ibid, p 77.

⁵⁹ Ibid, p 83.

Não achas que se consideraria feliz pela mudança e teria pena dos outros?⁶⁰. A temática do regresso à caverna, expõe a “condição do filósofo e a sua situação na cidade”⁶¹, que precisa se posicionar, uma vez que encontrou a luz e tem a missão de conduzir os demais ao encontro dela, por meio da construção de uma cidade justa.

O terceiro capítulo, traz a definição de “alma filosófica”, cuja força a leva à busca pelo conhecimento das verdades eternas que estão além das realidades efêmeras. Nesta perspectiva, chega-se àquilo que é o eixo do pensamento platônico, a Teoria das formas, que concede dois mundos, o inteligível e o visível, ambos com duas seções, que correspondem a formas de conhecer a realidade. A alma busca constantemente, apesar dos obstáculos criados pelo corpo que se apega aos atrativos terrenos, a contemplação da plena verdade. Para isso, carece de receber adequada educação, para que possa fazer um movimento de conversão e libertar-se de um mundo de sombras. A concepção platônica se expressa em uma imagem, a do Mito da Caverna, que ilustra a saga da alma em direção à contemplação do sol do conhecimento e do bem.

4º CAPÍTULO

4.1 O valor da educação e o risco de sua ausência

Desde sua origem e estruturação, a educação enquanto campo de conhecimento adquiriu grande valor. A própria *paidéia* grega é prova disso, uma vez que elaborou um vasto patrimônio teórico que em muito sustentou e aperfeiçoou a prática educacional, como bem afirma Jaeger: “não é possível descrever em poucas palavras a posição revolucionária e solidária da Grécia na história da educação humana”⁶². Segundo os gregos, a Educação traz em si a capacidade de dar ao ser humano, conhecimentos e desenvolver capacidades que o desenvolvam e expressem seu perfil e valor.

Platão, na obra *A República* concebe um processo de formação, em vista da constituição de um perfil, capaz de governar uma cidade ideal, segundo Jaeger: “necessidade de dar uma cultura aos governantes chamados a vela pela conservação do espírito da verdadeira educação no Estado perfeito”⁶³. Ao longo dos séculos, culturas e

⁶⁰ PLATÃO. *A República*. Trad. Ciro Mioranza. 2ª edição. São Paulo: Escala, 2007, p 291.

⁶¹ SANTOS, José Trindade. *Platão: A construção do conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012, p 78.

⁶² JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, p 5.

⁶³ *Ibid*, p 896.

nações postularam princípios e instrumentos para desenvolver processos educacionais em vista do bem-estar e progresso da comunidade humana. A cada período, a educação e sua finalidade se consagram e consolidam modelos e propostas educacionais, que se reafirmam cada vez mais importantes e necessárias para a dignidade humana, para o bem-estar social e para o progresso da comunidade humana.

No decurso do tempo e no desenvolvimento dos povos e das culturas, as nações foram absorvendo os valores da educação e abalizando itinerários formativos com as mais diversas expressões. Um marco da história recente é, sem dúvida, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que reúne e consolida valores e princípios que no decurso dos séculos forjaram a educação. Assim expressa o Artigo 26:

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é uma verdadeira bússola para a humanidade, pois capitaliza, sintetiza aspectos essenciais da educação e sua maneira prática de desenvolver. Fundamental é o princípio da universalidade da educação. Todos a ela devem ter acesso, por serem merecedores e capazes de a desenvolver e por meio dela se desenvolverem para melhor assumir direitos e deveres. Em um mundo de inúmeras desigualdades, a fundamentalidade do direito a educação recorda e reafirma que uma sociedade não será suficiente boa e justa se nem todos os cidadãos conseguirem o acesso básico à educação.

A importância de uma educação que abarque a todos é pelo fato da dignidade intrínseca que cada pessoa possui e ao benefício que a ela é concedido por meio da educação, o de uma formação integral. Trata-se de uma formação que ultrapasse os processos de transmissão e aquisição de conhecimento para promover desenvolvimento de sadia personalidade e capacidade de interação com os demais. Além disso, uma educação que prepare uma pessoa para atuar como parte da sociedade, com liberdade e responsabilidade.

Ainda aponta a Declaração, a educação serve para a necessidade da responsabilidade de quem assume papel nos processos educacionais. Para que uma pessoa tenha acesso a educação e com ela se desenvolva, muitos agentes devem atuar e tomar parte do processo com responsabilidade. A educação não é apenas um interesse de um indivíduo, mas de toda a comunidade humana, que acolhe novos membros e neles vislumbra novas oportunidades para o desenvolvimento social.

O Brasil, na esteira dos Estados Democráticos de Direito, reafirmou e estabeleceu na recente Constituição Nacional o valor da educação para o Estado e para todos os cidadãos. Assim como em outras nações, muitos são os esforços para fazer valer os princípios presentes nas constituições dos povos, uma vez que se constata muitos entraves no caminho de integral acesso ao direito à educação. No caso brasileiro, assim dita a Constituição Federal, no artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparado para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (**Constituição Federal**, 2018, p 280).

No caso brasileiro, consolida o valor do direito básico à educação e reforça as instâncias responsáveis por fazer aplicar o que direciona a Constituição. Legitima-se, assim, a ideia de que sem educação um povo não tem futuro porque suas possibilidades de crescimento são eliminadas. Retoma-se a diretriz de que a educação oferece meios para o pleno desenvolvimento da pessoa, uma vez que abre seus horizontes para aquisição de conhecimento, o desenvolvimento das capacidades e a devida orientação para atuar com cidadão de uma sociedade democrática.

Ainda no caso brasileiro, um passo significativo vem com a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diz o texto no Artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”⁶⁴.

A lei traz um precioso dado, além de retomar o papel de instâncias decisivas para a educação, tal como o de estado e da família, ela aponta para um horizonte mais

⁶⁴ LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394/1996. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p 35.

largo, o de compreender a educação além dos espaços institucionais, como por exemplo, a escola. Não se trata de menosprezar as instituições básicas de ensino, muito pelo contrário, mas de compartilhar a responsabilidade pela educação com todos os sujeitos e instâncias que compõe a sociedade. Se o acesso ao direito à educação é para todos, em vista do desenvolvimento integral da pessoa, também ela é para o bem de toda sociedade e por isso, motivo de interesse para ela também.

4.2 A luz do Mito da Caverna para uma proposta de processo educacional

Ao longo da história da filosofia, de boa parte da cultura Mítica, o Mito da Caverna de Platão ganhou destaque, seja pelo modo com o qual sintetiza e apresenta o pensamento Platônico ou pela gama de possibilidade de interpretação que oferece para o diálogo com outras áreas do conhecimento. Merece ressaltar a seguinte afirmação: “o objetivo do Mito da Caverna é tratar da possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua transparência e, portanto, da possibilidade de se chegar à verdade”⁶⁵. Dentre inúmeras e pertinentes maneiras de encarar o Mito da Caverna, a em questão, recoloca, a que é postulada neste trabalho, a de que, tal possibilidade nada mais é do que, o homem poder fazer filosofia que por sua vez, estabelece diálogo de colaboração com outras áreas do conhecimento, dentre elas a *paidéia* ou educação.

A conclusão é que a educação é a arte que diz respeito exatamente a isso, a essa conversão, e a como pode a alma mais fácil e eficientemente ser levada a realizá-la. Não é arte de introduzir visão na alma. A educação tem como certo que a visão já está na alma, mas essa não dirige corretamente e não arroja o seu olhar para onde deveria; trata-se da arte da redigir a visão adequadamente” PLATÃO. *A República*, 2007, p 294).

No caso da obra *A República* o Mito da Caverna colabora com a compreensão relevância que tem a educação no processo de formação, mais especificamente, na preparação do governante da cidade ideal na própria obra constituída. Segundo Jaeger, a alegoria nada mais é do que uma “alegoria da Paidéia”⁶⁶, e conseqüentemente, da atitude humanada diante do conhecimento e da cultura. O projeto, que tem como alicerce a justiça, parte da necessidade de melhor conceber e organizar a vida dos cidadãos que, por natureza, precisam aprender a viver juntos. Na compreensão

⁶⁵ TEIXEIRA, Evilázio FB. *A educação do Homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999, p 62.

⁶⁶ JAEGER, Werner. *PAIDEIA A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, p 894.

Platônica, um tipo de governante de “alma filosófica” passará por um processo de formação que lhe dará condições de conduzir a cidade e garantir a justiça.

4.2.1 Capacidade humana para o aprendizado

Todos têm direito à educação porque são capazes de recebê-la. A compreensão Platônica de ser humano o perscruta de dentro para fora, a partir de sua própria alma. É o movimento do Mito da Caverna que faz com que, de dentro da caverna com suas sombras, seja possível sair em direção à luz que vem de fora. Trata-se de um movimento de “conversão” no qual a “verdadeira educação consiste em despertar os dotes que dormitam na alma”⁶⁷. Esse é o movimento da alma que anseia por conhecimento e, para isso se liberta das realidades sensíveis que apenas enganam e aprisionam. É com esse olhar para além das sombras da realidade sensível que Platão enxerga o ser humano desejoso e capaz de alcançar conhecimento e libertação.

Demonstra que o poder do aprendizado está presente na alma de todos e que o instrumento do aprendizado de cada um é como um olho que não é capa de ser girado da escuridão para luz sem que gire o corpo inteiro” (PLATÃO. **A República**, 2007, p 293)

A capacidade do aprendizado é intrínseca e aponta para aquilo que é mais elementar e constitutivo no ser humano, sua capacidade cognitiva e seu espírito humano que lança um olhar sobre a realidade e a contempla com encanto e desejo de conhecê-la sempre mais. Sendo assim Platão, “através da imagem da caverna, quer colocar em evidência a constituição da natureza humana”⁶⁸. O intento platônico de mostrar o valor e as características da natureza humana, conseqüentemente aponta para o valor que ela contém, ou seja, a sua dignidade que é intrínseca.

O processo educativo tende a mostrar ao educando sua verdadeira condição e despertá-lo para as próprias capacidades e possibilidades de desenvolvimento. Segundo Teixeira: “a experiência do prisioneiro na caverna mostra o que significa um processo educativo capaz de levar o homem à sua verdadeira condição”⁶⁹. Isso começa pelo reconhecimento da própria dignidade. Na compreensão Platônica, o “Estado versa, em

⁶⁷ Ibid, p 896.

⁶⁸ TEIXEIRA, Evilázio FB. **A educação do Homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999, p 62.

⁶⁹ Ibid, p 65.

última análise, sobre a alma do Homem”⁷⁰ ou seja, que o Estado nada mais é do que “imagem reflexa ampliada da alma e da sua estrutura”⁷¹.

Nenhum fator externo deve colocar em risco o valor da dignidade da vida humana e muito menos enfraquecer suas potencialidades. Da grandiosidade da alma humana e de suas potencialidades deriva o caminho de desenvolvimento pessoal e conseqüentemente comunitário. Por isso, a educação se dá por meio da colaboração entre indivíduos, pois remete a vida de todos e ao modo com o qual estabelece-se relações de harmonia e colaboração em vista do bem comum.

4.2.2 Colaboração para o aprendizado

Ninguém vive sozinho. Na origem do propósito de construir a cidade ideal, Platão apresenta o elementar dado da necessidade humana. Relacionamento nada mais é do que isto: uma pessoa precisa da outra. Na cidade, as necessidades dos cidadãos fazem com que aprendam a viver, se organizar e a encontrar caminhos de colaboração. A supremacia da justiça vem de encontro com a necessidade de bem organizar e administrar a cidade em vista do bem de cada cidadão e da comunidade em geral. Com o processo educacional não é diferente.

A conclusão é que a educação é a arte que diz respeito exatamente a isso, a essa conversão, e a como pode a alma mais fácil e eficientemente ser levada a realizá-la. Não é arte de introduzir visão na alma. A educação tem como certo que a visão já está na alma, mas essa não dirige corretamente e não arroja o seu olhar para onde deveria; trata-se da arte da redigir a visão adequadamente (Platão, **A República**, 2007, p 294)

Afirma Teixeira que “o homem nasce nessa situação de caverna, portanto de ignorância. A tarefa do filósofo educador é mostrar o caminho aos acomodados da caverna, para estes superem seu estado de ignorância”⁷². A figura do “educador filósofo” encarna toda e qualquer figura humana que detenha experiência com conhecimento adquirido e esteja preparada e bem-intencionada para iniciar, conduzir e avaliar um processo de ensino e aprendizagem. Essa figura é fundamental e nenhum outro recurso a torna dispensável no processo.

⁷⁰ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, p 757.

⁷¹ Ibidem.

⁷² TEIXEIRA, Evilázio FB. **A educação do Homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999, p 65.

Segundo o movimento do Mito da Caverna, o “homem é como que forçado, empurrado, arrastado sempre mais para cima”⁷³. Isso significa que ele não realiza sozinho, mas ao tomar o estímulo que vem de fora, ou seja, todo o deslumbramento com a realidade que o cerca e ao contar com a colaboração de alguém que conheça o processo, ele consegue alcançar mais e mais conhecimento. Sendo assim, a educação é motivo de responsabilidade, seja de instâncias, como no caso do Estado e da Família seja de educadores que, por amor à dignidade humana e ao conhecimento, conduzem pessoas para fora da caverna.

Neste quesito, é emblemática, a cena do diálogo de Sócrates com o escravo, no Mênon Com sua série de perguntas, ele consegue fazer com que o rapaz, que nunca recebera instrução, adquira conhecimento, Tal cena encarna, a ideia presente na República, na qual, a alma é semelhante a um olho, que carece de luz para poder enxergar. Para que isto aconteça apenas é necessário que o olho receba a direção certa. São as perguntas certeiras de Sócrates que levam ao escravo a possibilidade de enxergar a realidade com outros olhos e adquirir conhecimento.

4.2.3 Aprendizado em processo

Nada acontece de uma hora para outra. O tempo estabelece o ritmo para que cada coisa, segundo sua própria natureza se desenvolva e evolua. A natureza, por exemplo, é assim. No âmbito das realizações humanas também não é diferente. Tudo acontece mediante a um processo que, na sucessão e interdependência dos acontecimentos, se desenvolve e evolui. O Mito da Caverna revela o processo mediante o qual um prisioneiro consegue libertar-se dos grilhões e se direcionar para fora, encontrando assim uma realidade desconhecida.

E se alguém o forçasse a fitar a própria luz, seus olhos não doeriam e não daria ele as coisas, fugindo na direção das coisas que é capaz de ver, convicto de que são positivamente mais nítidas e exatas do as que lhe estão sendo mostradas? (PLATÃO, **A República**, 2007, p290)

⁷³ Ibidem.

Segundo o Mito da Caverna, a educação nada mais é do que uma conversão que consiste em “transformação e purificação da alma para contemplar o Ser supremo”⁷⁴. A capacidade de viver tal processo, apesar de ser intrínseca, carece de colaboração, seja de um modelo, de um método e acima de tudo, de um educador, para que seja eficaz. Todos esses elementos se articulam em processo que se dá no tempo. Diz Teixeira que “a conversão quanto à educação não se dá de um dia para a noite”, ou seja, “é consequência de longos anos de esforço e perseverança constante”⁷⁵. Sendo assim, trata-se de um processo que acontece no tempo e demanda tempo, que exige paciência tanto para o educador quanto para o educando.

É a compreensão da educação enquanto processo que demanda tempo, que irá iluminar o caminho de consolidação de uma referência teórica e prática para a educação. Teorias irão oferecer base para práticas, tais como o alicerce oferece base para uma edificação. A partir destes referenciais, serão concebidos modelos e itinerários educacionais. Destes, derivarão o desenvolvimento de didáticas, métodos e a elaboração de recursos em prol da tarefa educativa.

No quarto e último capítulo, estabelece-se uma articulação entre os elementos filosóficos e educacionais. Ao atualizar elementos básicos da filosofia platônica e comprar a atualidade que contêm, chega o momento de colocar tais elementos em diálogo com a perspectiva educacional, para sustentar a orientação última do trabalho em questão, a de encontrar no Mito da Caverna de Platão luzes para uma proposta de processo educacional.

⁷⁴ JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013, 895.

⁷⁵ TEIXEIRA, Evilázio FB. **A educação do Homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999, p 64.

CONCLUSÃO

A realização da disciplina “Pesquisa Filosófica – Trabalho de Conclusão de Curso II” culminou na elaboração da monografia aqui apresentada e que em seu desfecho, exige e permite algumas considerações finais a respeito do processo como um todo, seja da própria disciplina e de seu objetivo, mas também, do curso de Licenciatura em Filosofia que chega ao seu fim. Considerando a singularidade do momento e a exclusividade da oportunidade vale a pena destacar as seguintes considerações finais.

Platão é um pensador completo. Encarna o belo e filosófico ideal de fazer da própria existência seu campo filosófico. As questões por ele suscitadas emergem não de fora, das circunstâncias da cultura, mas da sua própria busca pessoal. Em sua perseguição pela verdade, encontra um Mestre, Sócrates e se permite por ele ser influenciado em virtude do amor que nutria pela sabedoria.

Platão é fiel a si mesmo e gesta uma filosofia no tempo de uma vida. Em seu processo, não há brechas para superficialidades. Atua ao estilo antigo, como um verdadeiro “artesão do pensamento”, que aos poucos toma nas mãos os “fios de perguntas e respostas” para tecer ricos e bonitos diálogos. Enaltece, com Sócrates, o valor da filosofia, com a original capacidade de fazer perguntas e fazer suscitar mais e mais perguntas. Para Platão, a filosofia não tem fim. Seus belos e densos diálogos dão a sensação de que a filosofia não acabará jamais e por isso, não cede aos encantos do efêmero. Não teme contradições, nem muito menos, os aparentes paradoxos. Não faz questão de resolver todas as questões, o que seria uma tremenda crueldade para com a filosofia.

Platão dialoga com o tempo. Sabe se situar em meio as circunstâncias históricas. Circula entre duas grandes expressões, a oralidade e a escrita. Não despreza uma nem outra, mas as coloca na mesma direção, a busca pela filosofia. Resgata e reafirma o valor do Mito. Seus diálogos estão recheados de imagens, que compõe expressões míticas que em muito colaboram para dizer o que palavras e argumentos não revelam ou decifram no presente. Este próprio trabalho de Conclusão de Curso, se inspira e se realiza em torno da famosa e emblemática alegoria da Caverna. Platão também diálogo com o futuro, funda uma Academia e nela, estabelece um horizonte para a filosofia.

Platão aprende, elabora e ensina filosofia. É importante que se diga, ninguém faz filosofia sozinho, ou melhor, filosofia não brota do nada. Não há como se conceber rupturas no modo de fazer filosofia. É importante e necessário ser capaz de, com os “pés

no hoje”, olhar para o passado e redescobrir os “itinerários realizados” por inúmeros pensadores que gastaram boa parte da vida debruçados em questões que perpassam a existência humanas. O contributo que trazem eles, em nada abafa a originalidade e oportunidade de quem os estuda, muito pelo contrário, é a partir da filosofia que desenvolveram, que com maior ânimo e coragem se pode lançar-se na aventura de pensar, desenvolver, produzir e ensinar filosofia.

Os estudantes de filosofia de hoje não podem negar a vantagem que tem em relação a outras gerações. Vive-se um tempo de muita riqueza, seja ela de meios ou de conteúdos. Os meios de comunicação sociais, de modo especial a internet, alargaram a capacidade de acesso aos mais diversos materiais, seja no espaço ou no tempo. E assim, revelam o privilégio de contar um vasto e rico patrimônio filosófico. Só não estuda e faz filosofia quem não quer. Meios e conteúdos não faltam. De fato, a filosofia não tem fim. O fundamental é ter aquilo que Platão viveu: a liberdade da busca de uma “alma filosófica”, a capacidade de levantar questões, a humildade de ouvir os mestres e a audácia de escrever algo.

Sua vida de busca e de reflexão fizeram dele um verdadeiro baluarte da tradição grega e oferece para toda a história da filosofia sólida contribuição para o desenvolvimento do pensamento. De toda sua obra, há enorme consenso de que o Mito da Caverna exerce papel decisivo, seja pela capacidade de conservar o mito e sua influência, em meio ao desenvolvimento da escrita ou pela capacidade de expressar nele o essencial de seu pensamento, o valor da filosofia e o itinerário da alma humana em direção a ela para alcançar a verdadeira luz.

Do itinerário desenvolvido no trabalho destaca-se: a identificação da contribuição do pensamento grego para a educação, os elementos pedagógicos da filosofia desenvolvido pelo Platão e a grande luz que traz o Mito da Caverna para um modelo de processo educacional. Trata-se de aspectos decisivos, seja para a filosofia bem como para a Educação, uma vez que, apesar do consenso quase que universal, ainda há um longo caminho a ser trilhado em direção à realização de uma educação ideal.

A Filosofia grega, nasceu e se desenvolveu diante das questões mais elementares, tais como a natureza, o espaço, o tempo e o próprio ser humano. Não há como negar a valiosa contribuição da filosofia grega para a compreensão de quem é o homem e quais suas capacidades e possibilidades diante do mundo que o circunda. A

própria capacidade de pensar, desenvolver capacidades técnicas e cultura, revelou ao próprio ser humano sua envergadura cognitiva e espiritual. O “amor pela sabedoria” revelou a potencialidade de sua capacidade afetiva, de unir duas dimensões fundamentais o saber e amar em razão de algo maior, da plena realização da sua condição. O patrimônio filosófico e cultural grego ofereceu origem para enriquecer técnicas e dar origem a campos de conhecimento, dentre eles, a Paidéia.

Ao buscar dizer quem é o ser humano, a filosofia em muito contribuiu para o desenvolvimento da Paidéia. A descoberta da constituição cognitiva, espiritual e afetiva do ser humano, levou as mais diversas concepções de ideias de vida plena. Ninguém nasce pronto. Ao longo da vida, no desenvolvimento que se dá em cada fase e circunstância, o ser humano é construído. As ideias desenvolvidas e concedidas pelos filósofos gregos serviram de base para a confecção de modelos educacionais e para a elaboração de modelos e métodos educativos. Uma educação ideal leva a conceder um ideal de sociedade.

Dentre os pensadores Gregos, Platão dedicou seu olhar investigativo para entender quem é o ser humano, qual sua melhor posição no mundo e os meios para os quais alcançar sua meta. São diversas as obras que por ele foram desenvolvidas e ofereceram subsídio para a Educação.

A obra nasce, com a questão da essência e da finalidade da virtude da justiça, necessária para a organização e administração da polis. As necessidades movem e regem a convivência entre as pessoas e, por isso, a vida comum exige boa e eficiente organização. Ao longo dos dez livros que compõe a obra, em forma de diálogo, Sócrates e seus companheiros perpassam a constituição da alma humana, estabelecem grupos (governantes, artesãos e guerreiros) e organizam a cidade ideal, segundo eles, para bem funcionar, deve ser governada pelo “rei-filósofo”, que garantirá aplicação da justiça. Uma vez definido o tipo de governante ideal, estabelecem critérios para prepará-lo para o posto.

O “governante ideal”, deve possuir uma “alma filosófica”, que o torna amante do conhecimento e não apegado as realidades efêmeras. Ele deve ser conduzido por um processo que o forjará para dirigir uma cidade e garantir a justiça e o bem. É preciso que ele seja educado. Neste contexto do diálogo, Platão oferece o Mito da Caverna, que expressa o valor e ausência da educação. Evidencia-se a busca que a alma tem pela verdade e as realidades eternas que fazem com que seja capaz de abandonar as

realidades sensíveis. Na conclusão da análise do Mito da Caverna enquanto proposta para o processo educacional destaca-se: a capacidade humana do aprendizado e a necessidade de alguém que direcione o processo de aprendizagem.

A capacidade de aprendizado é constitutiva do ser humano. Os prisioneiros, desde a infância na caverna, são capazes de perceber o mundo que os circunda e os movimentos das sombras nas paredes da caverna. Aquelas imagens refletidas despertam atenção e fazem com que se lancem para um mundo que está fora deles, mas que é inalcançável por conta dos grilhões que limitam a liberdade. Um deles que consegue soltar-se das correntes e se coloca a caminho em direção à luz que produzia as sombras que prendiam atenção.

A curiosidade pela origem das sombras e a percepção de que há algo para além daquele lugar o fazem trilhar um caminho que o leva para fora da caverna e o coloca diante da origem da luz, o Sol. Há uma força que move o ser humano e o coloca na direção da realidade que o circunda para desbravá-lo. Essa força brota de dentro para fora, vem de sua alma e o conduz para fora de si mesmo, para abertura diante do mundo.

Livre de obstáculos, lança-se numa busca sem fim até chegar na verdade última de todas as coisas. Superar limites move as mais genuínas ambições humanas. A satisfação da descoberta daquilo que simplesmente é, a sensação de ter chegado ao mais profundo da realidade e da experiência humana o preenchem por dentro. Adquirir conhecimento preenche a alma humana e a faz crescer. Saber e saber fazer potencializam a vida e alargam os horizontes da existência. Sendo assim, educar nada mais é do que tornar uma pessoa capaz de saber e de fazer, para construir sua própria existência, conviver com seus semelhantes e deixar um rastro de realizações.

Com o suporte da obra *O Menôn*, que apresentou o diálogo de Sócrates com um escravo, que apesar de não ter tido educação, foi capaz de desenvolver um conhecimento, evidencia-se a necessidade de alguém que direcione o processo de ensino. Ninguém vive sozinho nem tampouco aprende solitário. A beleza e a riqueza na experiência do conhecimento encontram-se na força da relação. Platão experimentou tal realidade no contato com Sócrates que foi decisivo na sua formação intelectual.

Na *República*, Platão aponta para a necessidade de um direcionamento, tal como o olho precisa estar na direção da luz para enxergar, assim também uma pessoa precisa ser direcionada para que possa ser devidamente instruída. Muitos são os recursos necessários para que a educação aconteça e uma pessoa aprenda e amadureça, contudo,

o fundamental está na relação. Nada dispensa a presença de um outro, seja ela dos pais, amigos, professores, guias ou instrutores.

O aprendizado se dá em processo. Nada acontece do dia para noite, pelo contrário, é no tempo e com o tempo que se constrói uma boa educação. A base do tempo, nada mais é do que o próprio ritmo do desenvolvimento pessoal nas circunstâncias que a própria vida oferece. Antes mesmo de uma pessoa ingressar em alguma instituição de ensino, haverá de ter passado por inúmeras experiências de aprendizado: alimentar-se, vestir-se, locomover-se, comunicar-se e cuidar-se.

Deve-se considerar as fases de vida e, em cada uma delas, as etapas que precisam ser superadas, os conhecimentos adquiridos e as capacidades conquistadas. Tudo isso demanda tempo e no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem nenhum tempo é perdido quando o que está em jogo é o desenvolvimento de uma pessoa em vista da plena realização das suas capacidades, seu bem-estar e relação com outros sujeitos.

Desde Platão muitos séculos se passaram e incontáveis filosofias surgiram. Muitos pensadores passaram pela “caverna da história” e alguns deles, conseguiram superar as sombras nela refletidas. Não resta dúvida de que Platão é um deles, que saiu da caverna e alcançou a luz, abrindo assim, um inquietante caminho que outros tantos ousaram e ousam trilhar. Sendo assim, feitas estas considerações aqui apresentadas, vale a pena considerar o que há de mais Platônico em tudo isso, aquilo que a “alma filosófica” deseja encontrar, uma vez quebrados os grilhões do medo, superadas as sombras da ignorância, trilhados os caminhos dos métodos e do aprendizado para alcançar a luz do sol do conhecimento: a verdade eterna, a de que, o ser humano é livre para conhecer, humilde para aprender e desejoso por crescer e tornar-se de fato quem ele é.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Davi Heckert César. **Conhecimento e definição no Mênon de Platão**. Revista Kínesis, Vol XII, n. 31, julho 2020, p. 172 – 185. Disponível em:

BOHM, Winfried. **História da Pedagogia de Platão à atualidade**. 3ª Edição. Florianópolis: Conceito Editorial, 2010.

BOLLIS, Silvana. **A formação do homem virtuoso no Mênon de Platão**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 218 – 231, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7375>. Acesso em: 20/10/2022.

CAMPBELL, Joseph, **O poder do Mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowres; trad. Carlos Felipe Moisés – SP: Palas Athena, 1990.

Constituição Federal / [organização Editorial Jurídica da Editora Manole]. – 10. Ed. Atual até a EC n. 99/2017 – Barueri, SP: Manole, 2018.

COSTA, Ademir. **Estado e Educação em Platão**. Revista de Pedagogia. Perspectivas em Educação; Edição n. 03: ano 01, Maio/Jun/Ago de 2008. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/estado-educacao-platao.htm>. Acesso em 25/10/2022.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 20/11/2022.

DULCE REIS, Maria. **Psicologia, ética e política. A tripartição da psyché na república de Platão**. Coleção FAJE. São Paulo: Loyola, 2009.

JAEGER, Werner. **PAIDEIA A formação do homem grego**. Trad. Artur M. Perreira. 6ª Edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013

LAZARINI, A. L. **Platão e a educação: um estudo do livro VII de “A República”**. ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–317, 2008. DOI: 10.20396/etd.v8i2.671. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/671>. Acesso em: 11 dez. 2022.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394/1996**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia** / [tradução Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral]. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLATÃO. **A República**. Trad. Ciro Mioranza. 2ª edição. São Paulo: Escala, 2007.

PLATÃO. **Fédon**. Trad. Anderson de Paula Borges. – 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

PLATÃO. Mênon. Eudidemo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Ufpa, 2020.

RACHID, R. J. R. **Reminiscência e alma remêmora no Fédon de Platão**. Transformação: revista de filosofia da Unesp, v. 44, n. 4, p. 327-348 2021. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/nbMY8CvbK8VsdvJrypYRXxf/> Acesso em 05/11/2022.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da filosofia pagã antiga, v. 1.** Trad. Ivo Storniolo – São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana**, vol III: Platão. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perine. – 2ª Ed. – Sp: Loyola, 2014.

RODRIGUES, E. M. **Um breve estudo sobre a educação na República de Platão.** 77 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP>. Acesso em 15/05/2021.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão. A ontoepistemologia dos diálogos socráticos.** Tomo I. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SANTOS, José Trindade. **Platão: A construção do conhecimento.** São Paulo: Paulus, 2012.

SILVEIRA, R. J Trentin. **Platão e a Educação: um estudo do Livro VII de A república.** 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/671>. Acesso em 01/04/2021.

TEIXEIRA, Evilázio FB. **A educação do Homem segundo Platão.** São Paulo: Paulus, 1999.

TUPINAMBÁ, Felipe César Marques e FORTES, Paulo Jordão de Oliveira Cerqueira. **O projeto epistêmico de Platão no Menôn.** Publicação do V CINFE – Congresso internacional de Filosofia e Educação. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico10/ Acesso em 05/09/2022.